

## CIÊNCIA: - “A VERDADE SOU EU!” (ACERCA DE “O ALIENISTA”)

João Paulo Matedi  
Mestrando em Estudos Literários/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Este trabalho analisa, na novela machadiana “O alienista”, as relações estabelecidas entre o saber científico (o cognitivo-instrumental) e os demais saberes (o estético-expressivo e o moral-prático). Para tanto, amarra o exame da obra a questões mais gerais concernentes ao modelo de ciência/razão predominantes no ocidente, além de considerar um outro ponto também relevante para o bom entendimento da novela: a relação entre ciência e retórica.

Palavras-chave: Machado de Assis (crítica literária); “O alienista”; Loucura e razão; Ciência e poder.

Abstract: This paper analyses, the short story “O alienista” by Machado de Assis, the relations established between scientific cognitive-instrumental knowledge to the others areas of knowledge (aesthetic-expressive and the moral-practical knowledge). To do so, this article exams the connections between the literary work to more general issues concerning the model of science/reason that it is predominant in the west, beyond that there is another relevant point for the good understanding of the short story: the relation between science and rhetoric.

Key-words: Machado de Assis (Literary criticism); “O alienista”; Insanity and reason; Science and power.

A novela “O alienista”, de Machado de Assis, pode ser interpretada segundo vários aspectos, sendo que os mais comuns são a investigação da medicina alienista, dos limites entre loucura e razão e das relações entre ciência e poder. Este trabalho, por sua vez, irá visar essas três vertentes e nenhuma delas ao mesmo tempo. O intuito aqui não é ser específico no trato da loucura, da razão ou da ciência e poder; o objetivo é trabalhar numa espécie de universo macro e não micro. Em outras palavras: tentaremos delinear o modo como a ciência se articula na novela em questão e qual a relação entre ela e outros saberes; principalmente: procuraremos examinar a impostura da ciência, cristalizada em saber oficial, que nega o que está fora de suas premissas.

Para tanto, serão utilizados como base teórica fundamental o artigo “O palimpsesto de Itaguaí”, de Luiz Costa Lima, presente no livro *Pensando nos trópicos* (1991), e dois textos do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos: o capítulo “Da ciência

moderna ao novo senso comum”, que figura no livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2001), e o artigo “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, integrante do livro *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado* (2004). Esses textos, portanto, oferecerão os pressupostos para a leitura buscada aqui.

\*\*\*

Durante todas as páginas da novela, a ciência, representada na figura de Simão Bacamarte, é configurada como superior, independente, parcial e infalível. “Coisa séria, que merece ser tratada com seriedade”, a ciência é objeto exclusivo dos mestres e de Deus; vedada, por conseguinte, aos leigos e aos rebeldes (ASSIS, 1992, p. 272)<sup>1</sup>. Fruto que é do “modelo de racionalidade que [...] se constitui a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente no domínio das ciências naturais” (SANTOS, 2001, p. 60), esse campo do conhecimento caracteriza-se em muito pela observação; mas não a simples observação: é um empirismo que “desconfia sistematicamente das evidências da nossa experiência imediata. Tais evidências, que estão na base do conhecimento vulgar, são ilusórias” (SANTOS, 2001, p. 62).

Ruy Perini, em sua dissertação de mestrado *Não consultes médico: a loucura na obra de Machado de Assis*, já nos permite divisar que a medicina se colocara, no século XIX, como saber absoluto, como um “frio diagnóstico” (2005, p. 35). Katia Muricy, em *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*, explica-nos que a psiquiatria brasileira do século XIX, na esteira dos autores franceses – Pinel e Esquirol –, “defendia a observação como procedimento científico por excelência” (1988, p. 34); assim, “a psiquiatria é a observação científica contínua, no espaço asilar, do comportamento dos doentes” (1988, p. 43). Luiz Costa Lima, por sua vez, em “O palimpsesto de Itaguaí”, argumenta que “para Simão Bacamarte, a ciência é uma atividade que desconhece condicionamentos externos. [...] Bacamarte se apresenta como a própria encarnação do clichê do cientista [...] que o século XIX forjou” (1991, p. 261).

Algumas passagens de “O alienista” provam essa perspectiva da ciência como saber absoluto, “observação por excelência” e “atividade que desconhece condicionamentos

externos” O internamento do personagem Costa, de sua prima, que intercede por ele, e do albardeiro Mateus ilustra a prepotência e a incapacidade do saber científico em lidar com atitudes “ilógicas”, com a superstição popular e com as manias e “vícios” comuns a quase todos os seres humanos (a exceção fica para tipos como Simão Bacamarte, senhor de ciência, que receia descobrir-se humano e perder-se em meio à multidão vociferante).

No primeiro desses casos, Costa, um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí (ASSIS, 1992, p. 262), é conduzido à Casa Verde – casa idealizada por Bacamarte e construída por ele, sob autorização da câmara municipal, para receber todos os doentes de Itaguaí e região – porque em cinco anos esgotara, por meio de empréstimos sem usura – inclusive feitos a desafetos – e dívidas perdoadas – inclusive aquelas de quem mais o devia –, os quatrocentos mil cruzados herdados “em boa moeda de el-rei D. João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo lhe declarou o tio no testamento, para viver ‘até o fim do mundo’” (ASSIS, 1992, p. 262). É o próprio Machado que nos declara:

Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usura [...], a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada. Ao cabo daqueles cinco anos, pessoas que levavam o chapéu ao chão, logo que ele assomava no fim da rua, agora batiam-lhe no ombro, com intimidade, davam-lhe piparotes no nariz, diziam-lhe pulhas (1992, p. 262).

Daí para ser recolhido à Casa Verde não demorou muito. Tudo porque agiu de forma incomum e inesperada. O povo de Itaguaí não o considerava louco, apenas via nele um ingênuo e inconstante. O detalhe é que alguns se aproveitavam desses sentimentos e outros tão-só diziam: “o Costa abriu mão de uma estrela, que está no céu” (ASSIS, 1992, p. 262).

O segundo caso, a internação da prima do Costa, deve-se ao fato de que ela intercedeu em favor do primo; explicou ao alienista que a fortuna havia sido gasta tão depressa não por culpa do Costa, mas porque o tio deles (de quem o Costa herdara os quatrocentos mil cruzados), que “quando estava furioso era capaz de nem tirar o chapéu ao santíssimo” (ASSIS, 1992, p. 263), em um momento de cólera negara água a “um homem feio, cabeludo, em mangas de camisa”, que, por isso, rogara-lhe uma praga: “todo o seu dinheiro não há de durar mais de um ano e sete dias” (ASSIS, 1992, p. 263). Assim, ao fim do relato,

Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei e convidou-a a ir falar ao primo. A misera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados (ASSIS, 1992, p. 263).

O terceiro caso citado, o do albardeiro Mateus, cumpriu-se após Simão Bacamarte ter tomado conhecimento de que o albardeiro, que “enriquecera no fabrico de albardas” (ASSIS, 1992, p. 264) e construíra uma bela casa – “mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a Câmara” (ASSIS, 1992, p. 264) –, todas as manhãs instalava-se “no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora” (ASSIS, 1992, p. 264) e à tarde postava-se “à janela, bem no centro, vistoso, sobre um fundo escuro, trajado de branco, atitude senhoril, e assim ficava duas e três horas até que anoitecia de todo” (ASSIS, 1992, p. 264-265). Para o médico, tais atitudes denunciavam “que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras, mania que ele Bacamarte descobrira e estudava desde algum tempo. Aquilo de contemplar a casa...” (ASSIS, 1992, p. 265). Não adiantaram as alegações buscadas pelo boticário Crispim Soares, o privado e favorito do médico, para justificar o comportamento de Mateus: após passar umas cinco, seis vezes seguidas diante da casa de outra de suas vítimas, examinado-lhe as atitudes e a expressão do rosto, o alienista a pôs em cárcere no dia seguinte (ASSIS, 1992, p. 265).

Para a ciência bacamartiana não há ingenuidade, tolice ou até mesmo bondade, existe um perfeito desequilíbrio das faculdades mentais; não há estima, compaixão ou superstição, existe alucinação; e, por fim, para a medicina alienista não há mania, orgulho ou ostentação, o que existe é uma espécie de monomania. Note-se, ainda, que todos esses quadros denunciam situações comuns, arraigadas no mais puro cotidiano e na vivência diária. Contudo, ser corriqueiro não basta à ciência; pelo contrário, nos eventos em que para a maioria residem as bases das relações sociais, para a ciência é o senso comum, e como tal deve ser negado. Tudo que foge a seus métodos, a ciência vê como estranho, deslocado, e na sua busca da homogeneização – afinal o mundo é muito complicado – ela não se furta a injustiças, desde que angarie o lugar da “verdade”, pois a “ciência era a ciência” (ASSIS, 1992, p. 263).

E, de certo modo, tocando nessa via, Régis Debray, no livro *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*, faz-nos perceber que as verdades alteram-se consoante o estado dos saberes:

Acreditar em quê? Cada mídiasfera produz seus critérios de credenciamento do real – e, portanto, de descrédito do não real. A questão de confiança é permanente: “confiar-se em quê?”, as respostas variam segundo os estados dos saberes e das máquinas. Platão respondia para a logosfera: “De modo algum no que dá nas vistas e somente nas idéias inteligíveis”, *Mito da caverna*. Descartes para a grafosfera: “Nos objetos visíveis, mas com a condição de construí-los com ordem e medida, e de formular bem suas equações”, *Discurso do método*. A videosfera: “De modo algum confiar nas idéias e de que serve o método, a régua e o compasso, desde que vossas imagens sejam boas?” (1993, p. 353).

Poderíamos continuar essa seqüência<sup>2</sup>: Simão Bacamarte para a cienciasfera do oitocentos: “a ciência é minha âncora, ‘meu emprego único’” (ASSIS, 1992, p. 253); tudo que se encontra externo a seus métodos revela-se falso e embuste. O que guia a humanidade e condiciona o saber é a divisão e a taxonomia.

As ideias que presidem à observação e à experimentação são as ideias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Essas ideias são as ideias matemáticas. A matemática fornece à ciência moderna, não só o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica da investigação [...]. Deste lugar central da matemática na ciência moderna derivam duas conseqüências principais. Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições [...]. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou (SANTOS, 2001, p. 63).

É seguindo essas palavras que Bacamarte, em um primeiro momento, divide os enfermos “em duas classes principais: os furiosos e os mansos; daí passou às subclasses, monomanias, delírios, alucinações diversas” (ASSIS, 1992, p. 257). Depois, mais no final da narrativa, quando os primeiros alienados são substituídos por outros, ele aloja-os por classes: “uma galeria de modestos [...], outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de símplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc.” (ASSIS, 1992, p. 284).

Muitas são as razões apontadas para o insucesso do alienista, que ao fim da novela vê-se obrigado a repensar seus critérios e a analisar a si próprio; e, como era de se esperar, não encontra a cura: após dezessete meses internado na Casa Verde, sucumbe à morte simbólica, pois a morte real já lhe tinha cerrado o caixão. Entre essas razões, algumas são citadas por Luiz Costa Lima e já figuram, mesmo que timidamente, aqui: a ciência ignora seus possíveis limites e suas efetivas articulações<sup>3</sup> (1991, p. 265).

Conquanto haja razões como as anteriores, não podemos esquecer que o método de Simão Bacamarte falhou também por outro motivo: “dado que, segundo este [o positivismo oitocentista], só há duas formas de conhecimento científico – as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas segundo o modelo mecanicista das ciências naturais” (SANTOS, 2001, p. 63) –, o médico aplicou ao homem, de forma rústica e direta, os pressupostos das ciências naturais, que têm suas raízes no século XVI e muito devem a Copérnico, Kepler, Galileu e Newton (SANTOS, 2001, p. 61). Não se tratava, pois, dos movimentos dos planetas e de suas órbitas, da queda dos corpos ou da síntese da ordem cósmica; nem mesmo se circunscreve ao empirismo oitocentista. Esqueceu-se Bacamarte que o estudo do homem há muito reivindicava seus próprios pressupostos, e não poderia ser diferente com o tratamento das patologias cerebrais. Agora temos afetos, sentimentos e paixões; tiques, manias e imprevisibilidades nada mecânicas. Não “é um conhecimento causal que aspira à formulação de leis, à luz de regularidades observadas, com vistas a prever o comportamento futuro dos fenómenos” (SANTOS, 2001, p. 63). Aqui,

o argumento fundamental é que a ação humana é radicalmente subjectiva. O comportamento humano, ao contrário dos fenómenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis, uma vez que o mesmo acto externo pode corresponder a sentidos de acção muito diferentes<sup>4</sup> (SANTOS, 2001, p. 67).

Portanto, também isso marca a derrota de Bacamarte em sua busca da causa do fenómeno e do remédio universal (ASSIS, 1992, p. 256). É a derrota de uma ciência que se apresenta inflexível, mas encontra obstáculos quando se depara com o universo do “sensível”.

É Luiz Costa Lima que questiona os valores da ciência ao abordar o sensível. O crítico chega a tal conclusão quando amarra dois episódios da novela. O primeiro é aquele que ilustra que Bacamarte não alcançou a paternidade, não obstante tenha escolhido a esposa, D. Evarista, segundo critérios exclusivamente científicos – que denunciavam nela “condições anatômicas e fisiológicas de primeira ordem” –, e não devido a outras prendas, para que ela lhe desse filhos robustos, são e inteligentes (ASSIS, 1992, p. 254). Para o alienista, a mulher não engravidou porque não atendeu à dieta recomendada por ele: “a ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência – explicável, mas inqualificável – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes” (ASSIS, 1992, p. 254). E se, por um lado, há uma ponta de mágoa por não ter gestado insigne linhagem, por outro, sobram sorrisinhos de canto de boca – dignos apenas dos excelsos senhores –, por ter mais uma vez demonstrado a eficácia de seu método. Todavia, o segundo episódio prova que a “geração espontânea” não é possível, já que, nesse passo, D. Evarista – melancólica, amarela e magra –, quando interrogada pelo marido acerca do que tinha, responde-lhe “que se considerava tão viúva como dantes” (ASSIS, 1992, p. 258). Em réplica à resposta da esposa, o médico oferece-lhe, como cura de seus males, uma viagem ao, nunca visto por ela, Rio de Janeiro (ASSIS, 1992, p. 258). Essa oferta muito a alegria, e ela parte feliz. Porém, na volta, logo que viu o marido, “D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola” (ASSIS, 1992, p. 266). A relação que Luiz Costa Lima propõe atenta justamente para a incapacidade do cientista em desvelar a metáfora:

[...] a rebelião de Evarista se cumpre pelo comer; na reclamação ao marido, refere sentir-se tão viúva como antes; ao reencontrá-lo, seu gesto é uma mistura de rola – romanticamente identificada a amor terno – e onça – clara identificação de agressividade. Não será pois que o ânimo classificatório de Bacamarte o induzia a confundir os planos literal e metafórico do comer? Passando-lhe dietas literais, não esqueceria a metafórica dieta a que submeteria a infeliz, a ponto de fazê-la sentir-se em estado de permanente viuvez?

Em suma, a primeira subestória introduz quer o questionamento da ciência, quer o de seu agente. Nos dois casos o índice questionante é a “carne de porco”, a apontar para a alimentação do sensível – carne que quer carne –, deslembada pela paixão classificatória de Bacamarte. O questionamento deste parece insinuar que a tal ponto se tratava de uma espécie de louco que chegava a confundir a alimentação adequada para um casal que pretendia sadia prole. Mas a questão não se encerra em termos tão maliciosamente banais. A preocupação classificatória do cientista o faz só ter cuidados e

olhos para o literal e esquecer a força retificadora da metáfora, desde logo o do comer figurado, de cuja falta afinal Evarista se queixava. Donde, os dois questionamentos se encaminham para um só: questionamento de uma ciência que, por sua vocação taxinômica, não atenta para o trabalho ao nível do sensível e deixa escapar a metáfora (1992, p. 258).

“Escapar a metáfora”, belo final para um trecho que denuncia a incapacidade de Simão Bacamarte, e conseqüentemente da ciência, em dialogar com o sensível. Na verdade, o fragmento transcrito revela mais do que Costa Lima expõe. O que se apresenta nas entrelinhas – não apenas da passagem transcrita, mas de toda a novela – revela que a racionalidade cognitivo-instrumental da ciência colonizou as demais racionalidades (SANTOS, 2001, p. 55-56), que ou se renderam ao saber dominante, ou se reduziram ao gueto. E na medida em que procede assim, a racionalidade cognitivo-instrumental também restringe sua própria capacidade de alcance. Em outras palavras: tal saber, intimamente ligado à ciência, ao isolar-se das outras formas de conhecimento – ao não comungar com elas –, esteriliza, igualmente, outras possibilidades de ação. E, talvez por isso, não consiga dialogar com uma simples metáfora, que, diga-se de passagem, é das principais características do campo estético-expressivo; campo que está cada vez mais entrincheirado, mas que Machado, ironicamente, utiliza para explorar as incongruências e disparates da ciência de sua época.

Com efeito, Boaventura de Sousa Santos, no capítulo “Da ciência moderna ao novo senso comum” (do livro *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*), argumenta, ao longo de todo o texto, que estamos circunscritos à influência de três racionalidades predominantes: a cognitivo-instrumental, a estético-expressiva e a moral-prática. A primeira seria aquela a que pertence a ciência, a segunda diz respeito às artes e aos estudos humanísticos, a terceira liga-se a uma espécie de universo não letrado que, como sujeito individual ou coletivo, assenta-se em um conhecimento dito ordinário ou vulgar que dá sentido às práticas de seus participantes, mas que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso (SANTOS, 2001, p. 60).

Como acrescenta Boaventura,

[...] pode falar-se de um modelo global (isto é, ocidental) de racionalidade científica que admite variedade interna, mas que se defende ostensivamente de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto, potencialmente perturbadoras): o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (em que se incluiriam, entre outros, os estudos históricos, filológicos, jurídicos, literários, filosóficos e teológicos) (2001, p. 60-61).

Já no artigo “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, ele aponta algo que vai ao encontro desses argumentos quando aborda o que batiza como razão indolente. Segundo ele, essa concepção de racionalidade – que, claro, é uma das facetas do pensamento cognitivo-instrumental, e vice-versa – é o modelo ocidental dominante pelo menos durante os últimos duzentos anos (2004, p. 778).

Então, “a indolência da razão [...] ocorre em quatro formas diferentes”: a razão impotente, aquela que se sente impotente para agir contra uma necessidade exterior a ela; a razão arrogante, que não se exerce porque se sente inteiramente livre, livre inclusive de demonstrar sua liberdade; a razão metonímica, “que se reivindica como a única forma de racionalidade e, por conseguinte, não se aplica a descobrir outros tipos de racionalidade ou, se o faz, fá-lo apenas para as tornar em matéria prima”; e a razão proléptica, que não pensa o futuro, pois o imagina como um superação natural do presente (2004, p. 779-780).

De todas essas racionalidades, a que se mostra proeminente, no percurso de “O alienista”, é a razão metonímica: o saber científico se quer único, e, mesmo quando utiliza outra forma de conhecimento, procura dissimular. O embate que ocorre na narrativa entre a certeza apodíctica da ciência e a argumentação retórica é flagrante nesse contexto (como passaremos a ver, mesmo que a ciência apresente estratégias retóricas, ela procura camuflar e, simultaneamente, deslegitimar os discursos não empíricos, o que acaba por marginalizá-los e desqualificá-los – é o que já na época de Machado vinha ocorrendo ao campo estético-expressivo e ao moral-prático).

Contudo, antes de nos referirmos ao texto de Machado, faz-se necessário recorrermos a alguns comentários de Boaventura acerca da retórica. Para ele, no pensamento ocidental, a retórica

sempre competiu pela supremacia no conhecimento erudito contra outra grande tradição: a demonstração científica por meio da prova irrefutável e da lógica apodíctica. A revolução científica dos séculos XVI e XVII marca o início de um longo período em que essa disputa se decide contra a retórica (2001, p. 96-9).

É principalmente desse modo, com a naturalização do conhecimento através de verdades objetivas, que a ciência moderna colonizou as outras formas de conhecimento e colocou-se, metonimicamente, como o valor irrefutável. A partir daí, ocorre o conseqüente e gradual desprestígio dos campos estético-expressivo e moral-prático (SANTOS, 2001, p. 102). Esses saberes não trabalham com a lógica de uma verdade demonstrável, única e insubstituível; mas antes com uma multiplicidade de discursos que constroem verdades retóricas; tais verdades travam lutas, contínuas e intermináveis, numa negociação de valores sempre provisórios. E, diga-se de passagem, esse é o saber que predomina nas relações sociais cotidianas, no comum.

Por meio desse artifício, a ciência se isola e passa a ser arma na mão daqueles que têm acesso a suas premissas. O isolamento da ciência é concomitante à sua especialização e sistematização, o que a deixa cada vez mais distante dos não iniciados. Tanto é assim, que no episódio em que a multidão, liderada pelo barbeiro Porfírio, dirige-se à casa de Simão Bacamarte com o intuito de ordenar a demolição da Casa Verde ou a libertação dos enfermos que lá estavam – episódio esse em que se instala um duelo verbal entre o médico e o barbeiro –, o alienista, como afirma Luiz Costa Lima, utiliza-se de uma retórica que exclui seus ouvintes e afirma a ciência como algo independente e que não se dobra à pressão da turba, enquanto a retórica de Porfírio “é includente, reiterativa e liberal”. Destarte, a primeira funciona pelo medo, a segunda pelo entusiasmo (LIMA, 1991, p. 259).

O isolamento e a exclusão que a ciência promove estão bem marcados nas palavras de Bacamarte, como denuncia o trecho a seguir, que é a tentativa do médico de intimidar a turba:

— Meus senhores, a ciência é cousa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas se exigis que negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver

comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes (1992, p. 272).

No entanto, apesar desse belo discurso – que se demonstra prepotente e deixa claro que o saber científico não está na alçada de todos –, o barbeiro, com uma fala que apela para o emotivo e insufla a massa, vence o prélio. E não triunfa simplesmente porque entusiasma; triunfa porque Porfírio conhece o auditório que está presente e para o qual se dirige (o povo rebelado), na medida mesma em que o alienista fala para um auditório universal.

Boaventura argumenta, recorrendo a outros estudiosos (Perelman e Olbrechts-Tyteca), que “para conseguirem influenciar o auditório, os ‘oradores’ têm de se adaptar a ele e para que essa adaptação seja bem sucedida têm de conhecer o auditório” (2001, p. 100). Então, como a ciência desconhece o populacho e “é intrinsecamente pessoal” (SANTOS, 2001, p. 101), o alienista dirige-se àquilo que pode legitimar seu método, isto é, ao auditório universal, que é assim definido:

O auditório universal é potencialmente toda a humanidade, é uma construção do orador sempre que este pretende convencer o auditório de que as razões invocadas são *imperativas, auto-evidentes* e têm uma *validade absoluta e atemporal, independentemente* das contingências locais ou históricas (SANTOS, 2001, p. 100, grifos meus).

Com essa estratégia, Bacamarte deseja configurar uma espécie de prova lógica, que ao mesmo tempo impõe-se como prova/demonstração e nega que é retórica. Porém, malgrado intente não parecer retórica, a ciência faz uso, sim, da arte oratória. A diferença é que o discurso científico é auto-referencial e foge da perspectiva do comum. É por isso que Boaventura escreve:

A ciência moderna apresenta-se como um conjunto de argumentos dirigidos ao auditório universal. Em última instância, é isso que lhe vai permitir apresentar-se como não retórica. Escavar nos diferentes estratos retóricos da ciência moderna equivale a pôr em causa que o auditório universal seja o único auditório relevante. Em minha opinião, embora o auditório universal continue a ser o enquadramento global da apresentação técnica dos argumentos científicos, para o cientista concreto ele é muito menos importante do que dois outros auditórios particulares: o auditório dos cientistas que esse cientista pretende influenciar (a comunidade científica empírica [“dou razão aos mestres e a Deus”]) e o auditório constituído pelo

próprio cientista concreto quando apresenta as razões que o convencem ou não daquilo que está a afirmar ou a fazer (a comunidade individual ou comunidade interior) (2001, p. 102-103).

Logo em seguida, Boaventura apresenta outro argumento que ilustra a retórica da ciência moderna. Para ele “[...] o cientista concreto está sempre dividido entre os argumentos que o convencem a si (os argumentos como ‘valor de uso’ simbólico) e os argumentos que convencem a comunidade científica empírica (os argumentos como ‘valor de troca’ simbólico)” (2001, p. 103). Tal recorte evidencia que a ciência está longe de ser imparcial e de não atender a condicionamentos externos, pois, em outras palavras, o trecho nos diz que os argumentos são escolhidos segundo os interesses a que estão submetidos; constituem-se, assim, em autênticas estratégias retóricas.

Todavia, como a retórica científica camufla-se sob a capa de uma espécie de superioridade oficial, que é auto-referencial e, portanto, está distante do comum, – e que na verdade trata-se, em outros termos, de um domínio ideológico –, é possível a ela deslegitimar outros saberes, ao mesmo tempo em que se mantém incólume.

Esses breves apontamentos sobre alguns artifícios retóricos da ciência moderna talvez não convençam alguns leitores deste texto, devido a um aparente deslocamento entre o que está aqui exposto e o trabalho, em questão, do grande prosador. Contudo prefiro acreditar que, muito provavelmente, Machado não tinha nada disso em vista quando escreveu “O alienista”; mas acredito também que tais aspectos estão subjacentes à composição da novela, uma vez que o escritor era um intelectual atento às questões de seu tempo, e tinha como nítido objetivo fazer uma crítica à medicina e, mais longe, à ciência suas contemporâneas.

#### Referências:

ASSIS, Machado de. O alienista. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: obra completa em três volumes* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. v. I, p. 253-288.

DEBRAY, Régis. *Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente*. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIMA, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. In: \_\_\_\_\_. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 253-265.

MURICY, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PERINI, Ruy. *Não consulte médico: a loucura na obra de Machado de Assis*. 2005. 181 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 777-815.

---

<sup>1</sup> Os dados da primeira citação de uma obra serão completos, daí em diante, quando o contexto permitir a identificação da obra e do autor, será marcada apenas a página. Caso em um pequeno espaço de linhas ocorra um grande número de citações de um trabalho, a referência completa será dada na última transcrição, desde que seja possível reconhecer o autor e a obra das primeiras menções. Sem contar que algumas vezes o sobrenome ou o ano não será informado, por não ser essencial.

<sup>2</sup> Que fique claro: o trecho a seguir, que atribuo a Bacamarte, não invalida a totalidade de outros discursos, como, por exemplo, os de Platão e os de Descartes.

<sup>3</sup> As relações referidas por Luiz Costa Lima dizem respeito aos arranjos entre a ciência e o poder político, e também à falsa idéia, acreditada por Bacamarte, de uma ciência neutra (LIMA, 1991, p. 265). Não insistirei nesse aspecto porque constitui, para nós, interesse lateral.

<sup>4</sup> Esta citação tomada a Boaventura atende perfeitamente às exigências de seu texto, porém, aqui, vale uma ressalva: dizer que os fenômenos naturais podem ser descritos e explicados conforme suas características exteriores e objetiváveis é uma meia verdade, visto que o sujeito interfere no objeto observado, e os resultados de algumas experiências podem variar segundo a posição do observador. Malgrado isso, preferi transcrever o trecho na íntegra.